



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - FACOM**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**MADSON ALMEIDA DE SOUZA**

**“QUAL QUE É A PAUTA MESMO?!”: UM PODCAST BEM-  
HUMORADO SOBRE O FAZER JORNALÍSTICO**

Salvador  
2024

**MADSON ALMEIDA DE SOUZA**

**“QUAL QUE É A PAUTA MESMO?!”: UM PODCAST BEM-  
HUMORADO SOBRE O FAZER JORNALÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de jornalismo da Universidade Federal da Bahia como requisito final para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Me. Maurício Nogueira Tavares

Salvador  
2024

**MADSON ALMEIDA DE SOUZA**

**“QUAL QUE É A PAUTA MESMO?!”: UM PODCAST BEM-HUMORADO SOBRE O FAZER JORNALÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de jornalismo da Universidade Federal da Bahia como requisito final para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Me. Maurício Nogueira Tavares  
Orientador

---

(Nome)

Examinador(a)

---

(Nome)  
Examinador(a)

## AGRADECIMENTOS

Tal qual o baterista dos Beatles, Ringo Starr, acredito que sou capaz de quase tudo com uma ajudinha dos meus amigos. Não poderia começar este texto sem agradecer aos meus melhores amigos: Adriana Almeida de Souza, vulgo minha mãe, e Madson Conceição de Souza, meu pai. Obrigado, mãe, por ter entendido o que nunca fui capaz de explicar, por ter me salvado tantas vezes e por estar presente em todos os pedacinhos da jornada. Nada me motiva mais no mundo do que te deixar orgulhosa. Obrigado, pai, por ter me acordado todas as vezes em que ignorei o alarme e por ter permitido que o pequeno Mads lesse — ou rabiscasse — seus livros lá atrás. Foram vocês que me tornaram Madson como você.

Aos meus irmãos, Nadson e Matheus, agradeço pelos conselhos gentis e críticas ferrenhas, mas, principalmente, pela garantia de que nunca estarei sozinho. Dedico também este texto às minhas três avós — Marinalva, Joana e Tuninha —, que são minha fonte inesgotável de carinho e afeto. Viveremos juntos mais essa memória.

Sou grato aos meus tios, que sempre foram para mim uma representação da complexidade das coisas, pessoas que me motivaram a querer desbravar o mundo. Tia Marília, tia Meire e tio Rúben, vocês plantaram o feijão mágico que me permitiu alcançar o ensino superior, gratuito e de qualidade. Tia Mônica, tio Leco e tio Gilson, vocês mostraram, mil vezes, que é com a cabeça erguida e resiliência que a gente encara o mundo.

A outros, que tantas vezes chamei de tios, hoje chamo de professores, mas poderia tratá-los como mestres ou mentores. Sou devoto dos meus professores e seria capaz de traçar uma longa linha do tempo com todas as vezes que esses profissionais me influenciaram. Nesta oportunidade, agradeço a Maurício Tavares, como representante da classe, por ter me orientado com honestidade — nas críticas e nos elogios — ao longo da graduação e neste último trabalho.

Para chegar aqui, foram quase oito anos de graduação em que essa máxima, de que sou capaz de quase tudo com uma ajudinha dos meus amigos, foi posta à prova uma infinidade de vezes. Por isso, sou profundamente grato por estar tão bem acompanhado. Deixo um agradecimento especial a Lucas, Ícaro, Luciana, Danielle, Priscila, Gabriel e Amanda pela participação neste trabalho e por tudo mais. Outros amigos igualmente importantes também precisam ser mencionados: Maurício, Felipe, Bueno, Sophia, Marcos, Camila e Marina, obrigado por pela companhia.

O que mais me animou em relação à produção deste documento foi a ideia de tornar público e registrado para a posteridade o meu amor por todos vocês. Depois de quase oito anos, posso finalmente dar essa missão como cumprida.

*“Cuidado, companheiro  
A vida é pra valer  
E não se engane não, tem uma só  
Duas mesmo que é bom  
Ninguém vai me dizer que tem sem provar muito bem provado  
Com certidão passada em cartório do céu e assinado embaixo:  
Deus! E com firma reconhecida!  
A vida não é de brincadeira, amigo  
A vida é a arte do encontro  
Embora haja tanto desencontro pela vida”*

- Samba de Benção, Vinícius de Moraes (1967).

## RESUMO

O “Qual que é a pauta mesmo?!” foi pensado como um podcast bem-humorado e não ficcional sobre histórias engraçadas vividas por jornalistas durante o labor, dando visibilidade ao que não necessariamente é notícia, mas que ainda assim talvez deva ser visto ou ouvido. Através do debate sobre os temas apresentados e dos relatos contados, a ideia é aproximar jovens jornalistas e entusiastas da profissão da realidade dos profissionais do jornalismo. O podcast possui uma temporada com três episódios, com os temas: primeiras vezes no jornalismo, ao vivo e apuração na rua. Os episódios estão disponíveis no Spotify ([Clique para ouvir](#)).

**Palavras-chave:** Podcast; Jornalismo; Experiências; Entretenimento.

## ABSTRACT

The “What’s the agenda again?!” was designed as a humorous and non-fiction podcast about funny stories experienced by journalists during their work, giving visibility to what is not necessarily news, but which should still perhaps be seen or heard. Through debates on the topics presented and the stories shared, the aim is to bring young journalists and enthusiasts closer to the realities faced by journalism professionals. The podcast has one season with three episodes, covering the themes of first experiences in journalism, live reporting, and street investigation. The episodes are available on Spotify. ([Click to listen](#)).

**Keywords:** Podcast; Journalism; Experiences; Entertainment.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

FACOM	Faculdade de Comunicação Social
SETRE	Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte
SUDESB	Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFBA	Universidade Federal da Bahia



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Arte de capa do podcast This is Brazil .....	21
Figura 2 -Capa do podcast “Qual que é a pauta mesmo?!” .....	22
Figura 3 -Texto da descrição do episódio “Primeira vez a gente nunca esquece” do podcast Qual que é a pauta mesmo?! .....	23
Figura 4 -Texto da descrição do episódio “Ao vivasso!” do podcast Qual que é a pauta mesmo?! .....	24
Figura 5 - Texto da descrição do episódio “Os perigos e encantos de jornalstar na rua” do podcast Qual que é a pauta mesmo?! .....	25

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 APRESENTAÇÃO .....	12
1.2 JUSTIFICATIVA .....	13
1.3 OBJETIVO GERAL.....	15
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	15
2.1 PODCAST E JORNALISMO .....	16
3. PRODUTO .....	18
3.1 DO COMEÇO!.....	19
3.2 IDENTIDADE VISUAL .....	20
3.3 DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS.....	22
3.4 PRODUÇÃO.....	25
3.5 E FOI GRAVADO COMO? .....	27
3.6 EPISÓDIOS.....	28
3.7 EDIÇÃO.....	30
3.8 DISTRIBUIÇÃO .....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
REFERÊNCIAS .....	34
APÊNDICES.....	35

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto do que sempre soube, mas também do que descobri na faculdade. Se o fascínio por histórias de mundos fantásticos ou futuros distópicos existe desde que me dou por gente, o que os últimos anos trouxeram foi uma admiração profunda sobre os contos ordinários, as histórias do dia a dia, os causos. Essa capacidade de apreciar o rotineiro é fruto direto das minhas experiências atuando no jornalismo na Agenda Arte e Cultura, no jornal A Tarde e na Rádio Metrópole, mas também das resenhas e histórias sobre o fazer jornalístico que tantas vezes ouvi de amigos da área.

Próximo de completar oito anos na Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) - não consigo nem explicar -, já escrevi reportagens sobre decoração, negócios, economia, imobiliário, saúde, cidade, polícia, política, tecnologia, esporte, cultura, cultura pop e mais um monte de coisas. E cada uma dessas histórias que se tornaram páginas em jornais, matérias em site, podcasts ou vídeos do YouTube, vieram acompanhadas das histórias não publicadas, mas que são tão interessantes quanto as veiculadas para o público.

Quando meus amigos e eu começamos a estagiar em redações, passamos a brincar com essa ideia de “bingo do jornalismo”, uma espécie de celebração dos pequenos feitos que parecem coisa de “jornalista de verdade”. Desde então, os corredores da Facom, e as mesas de bares e do Burger King se tornaram o lugar das histórias que não são noticiadas, mas que são capazes de gerar boas gargalhadas e interjeições de espanto.

Mesmo com o passar dos meses, semestres e anos de profissão, ainda sou fascinado por essas histórias. Acho educativo ouvir sobre o processo de labuta de colegas e as soluções encontradas diante dos desafios, mas também acho divertido a aleatoriedade do jornalismo. Ouvi toda sorte de histórias nesta profissão e elas me ensinaram, incentivaram e fascinaram ainda mais com o jornalismo. O podcast “Qual que é a pauta mesmo?!” é fruto desse sentimento.

Não que já não existam filmes, séries e livros sobre bastidores jornalísticos. Eles existem tanto como manuais e materiais de fins educativos, quanto como entretenimento para os interessados no percurso de grandes apurações. Porém, o desafio deste podcast é outro. A ideia é que esse trabalho

seja uma celebração dos perrengues e glórias do jornalismo para diversos públicos. Um meio de contar um pouco da mágica desta nobre profissão pros que estão nessa há ainda menos tempo que eu, ou tirar um riso de canto de boca dos que estão há mais tempo nessa jornada. Além de buscar aproximar os leitores, ouvintes e consumidores de jornalismo de quem produz e da forma como é feita essa produção.

O “Qual que é a pauta mesmo?!” foi pensado como um podcast bem-humorado e não ficcional sobre histórias engraçadas vividas por jornalistas durante o labor, dando visibilidade ao que não necessariamente é notícia, mas que ainda assim talvez deva ser visto ou ouvido.

### 1.1 APRESENTAÇÃO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é a produção de um podcast de histórias engraçadas sobre o fazer jornalístico. Com três episódios publicados no Spotify, sob os temas “Primeiras vezes do jornalismo”, “Ao vivo” e “Apuração na rua”, com o objetivo de que a conversa funcionasse como entretenimento, mas também como meio para refletir e pensar sobre o campo.

Através da apropriação do formato de “mesa de bar”, para situar os jornalistas numa dimensão mais próxima dos ouvintes, e com episódios de entre 30 e 40 minutos, todo o projeto foi pautado nos relatos e comentários do apresentador - este que vos escreve - e dos convidados dos episódios.

Como assíduo ouvinte de podcasts, dois exemplos foram importantes referências para a concepção do “Qual que é a pauta mesmo?!”. O primeiro foi o Nerdcast (2006), um dos projetos pioneiros da podosfera nacional. Fruto do trabalho de Jovem Nerd (Alexandre Ottoni) e Azaghal (Deive Pazos), o Nerdcast é um exemplo no trato com histórias, que são a marca registrada do produto por conta da leveza, bom humor e desenrolar peculiar.

Já o This is Brazil, uma iniciativa de 2020, é um exemplo desde a premissa - a árdua missão de “salvar o Brasil de si mesmo”, através de áudios de WhatsApp. Áudios enviados pelos ouvintes ou que viralizam na internet são ouvidos e discutidos ao longo dos episódios do podcast.

Outro aspecto importante para a construção do podcast foram as conversas com os colegas de redação e as inúmeras histórias ouvidas ao longo dos anos sobre jornalismo.

Para desenvolver este trabalho usei as habilidades de edição e locução que foram desenvolvidas inicialmente nas disciplinas obrigatórias e optativas de rádio da Facom. Ao longo do meu percurso profissional pude aprimorar essas habilidades através do trabalho prático e rotineiro na Rádio Metrópole, com destaque para o programa de cultura pop Área 101, que concebi, produzi e apresentei junto a jornalista Luciana Freire.

Outro momento em que pude pôr em prática essas técnicas foi através do podcast Paladinos, que trata de cultura pop e que é uma parceria minha junto ao jornalista Lucas Freitas. Ao longo dos mais de 50 episódios desenvolvemos a identidade visual e sonora, ancoramos o projeto nos agregadores de podcast, pesquisamos e utilizamos diversas alternativas de gravação remota, além de colocarmos à prova nossas habilidades de locução e edição. Foi a soma dessas experiências que me deu a segurança para desenvolver um podcast como TCC.

Tal qual o próprio podcast, esse memorial é um relato de experiências pessoais relacionadas ao campo do jornalismo, por isso assumi a postura consciente de escrevê-lo em primeira pessoa. Este texto visa documentar todo processo para a construção e realização do podcast “Qual que é a pauta mesmo?!”, das primeiras ideias até a publicação do projeto.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Quem bem me conhece sabe que sou fanático por histórias, tanto de ouvi-las quanto de contá-las. Porém, textos acadêmicos não são meu ponto forte e por muito tempo busquei alternativas para lidar com o tão temido TCC de maneira menos pessoal e teórica possível. Afinal, se “falhasse” doeria menos. Apesar das inúmeras tentativas, nada vingou entre projetos teóricos e outras ideias de podcast. Como consequência decidi “apelar” para algo que acredito fazer bem: contar e ouvir histórias.

O que começou como uma forma mais tranquila de concluir a faculdade, logo se tornou uma motivação válida. Explico o motivo. Enquanto os estagiários de filmes americanos são encarregados de servir café e procurar documentos

em arquivos, no jornalismo de Salvador a realidade é diferente. Eu e meus colegas de faculdade entramos nas redações com salários de estagiários, mas obrigações de repórteres formados. Desde o início - a grande maioria de nós - precisou lidar com a obrigação de pautar, apurar, entrevistar, transcrever, escrever e revisar matérias jornalísticas. Sempre com um mínimo de suporte, mas longe do ideal e logo nos primeiros dias dentro de um veículo de comunicação.

O que já era um desafio em 2019, quando comecei a estagiar em grandes redações, se tornou ainda mais complexo nos últimos anos, com muitos desses veículos passando a atuar no modelo home office mesmo após a pandemia do Covid-19, como é o caso hoje da redação do jornal impresso A Tarde. Longe disso ser uma crítica ao home office ou aos grupos editoriais baiano, o ponto que chamo atenção é com relação ao treinamento dado para que estagiários se desenvolvam, ao invés de apenas serem contratados como mão de obra mais barata.

O “Qual que é a pauta mesmo?!” logo ganhou a missão de, através de histórias bem-humoradas e conversas honestas - talvez até demais -, apresentar um pouco da realidade de quem atua na área para os que estão chegando agora. Mas não é um guia formal ou algo do gênero. São conversas e histórias como as que ouvi dentro de redações e que tanto me ensinaram.

Já para o público de outras áreas que não a da comunicação e do jornalismo que possa vir a escutar este podcast, também é uma forma de desmistificar um pouco a tão temida mídia. Essa criatura que, mesmo sem rosto e muitas vezes mal contornada, é tão atacada e questionada. Se por um lado há muito o que evoluir na produção jornalística, por outro é preciso mais do que nunca um entendimento do papel do jornalismo para encarar a dura realidade do problema das fake news, por exemplo.

O formato de podcast foi o escolhido por conta da viabilidade do projeto, já que é menos custoso e mais simples produzir, apresentar, editar, veicular e consumir um projeto apenas em áudio. Outro fator fundamental para esta decisão são minhas já citadas experiências com o suporte.

### 1.3 OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir a realidade jornalística através de um podcast de entretenimento, em que são contadas histórias bem-humoradas vividas por jovens profissionais da área com o intuito de desmistificar o fazer jornalístico para entusiastas da prática e estudantes da área.

### 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Produzir três episódios de podcast com cunho de entretenimento abordando a realidade do fazer jornalístico;
- Apresentar conversas sobre jornalismo de maneira acessível e bem-humorada;
- Desenvolver um produto prático com fins de entretenimento que possa ser veiculado para fora do espaço acadêmico.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Apesar de parecer parte de nossas vidas há tempos, o podcast é considerado um fenômeno recente, ainda mais quando comparado com outras tecnologias da comunicação. O termo teve origem a partir da soma do prefixo “pod”, que se baseia no reprodutor de mídia portátil iPod da marca Apple, com a palavra da língua inglesa “broadcasting”, que significa transmissão.

A primeira citação da palavra foi feita em 12 de fevereiro de 2004 em um artigo do jornal britânico The Guardian, com autoria de Ben Hammersley. Já em 2005, foi considerada a palavra do ano pelo dicionário New Oxford American (FOSCHINI e TADDEI, 2006).

Um dos motivos para a rápida disseminação dos podcasts é a facilidade de produção e publicação de conteúdo de áudio. A possibilidade do uso de softwares gratuitos para a edição - como o Audacity - que não requerem grandes conhecimentos técnicos, possuem facilidade de captação de áudio com qualidade razoável e geram arquivos de tamanhos modestos se comparados com os de vídeo, são algumas das explicações para essa simplicidade.

Para Villarta-Neder e Ferreira (2020), podcast não é apenas a publicação de um áudio qualquer. É necessário que o produto esteja hospedado em um *feed* - fluxo de conteúdo que pode ser percorrido - numa página em um ambiente digital. As autoras ainda apontam o caráter de prática social que envolve o podcast por meio da fidelização do ouvinte, o que fica explícito pela inscrição ou assinatura na página que o programa está hospedado.

Outra característica importante do dispositivo podcast é seu caráter assíncrono e o controle do ouvinte sobre sua forma de consumo. Para Vanassi (2007) a liberdade de poder baixar e escutar o podcast quando quiser é um dos fundamentos que caracterizam essa mídia. Todas essas características do suporte do podcast apontam para uma forma de produção, distribuição e consumo de produtos que organizam (e são organizados) por esses dispositivos.

“Esse é o ano do podcast” é uma dessas frases repetidas à exaustão nos últimos anos - uma espécie de inverno muito aguardado como do universo literário das Crônicas de Gelo e Fogo - mas isso é fruto do franco crescimento de consumo dessa mídia. Conforme relatório publicado no fim de 2023 pela Nielsen - empresa de mediação de dados e análises de audiência - o podcast é a mídia com maior crescimento esperado para 2024. De uma base de três mil entrevistados, 21% disseram que pretendem consumir ainda mais produtos dentro do formato nos próximos meses.

Ao mesmo tempo, apenas 6% dos entrevistados planejam consumir menos produtos de podcast neste ano, número mais baixo do relatório na comparação com outras mídias. A amostra da pesquisa é o público americano. Já no Brasil, segundo dados da pesquisa Abpod 2020/2021, realizada pela Associação Brasileira de Podcast, a estimativa é de 34,6 milhões de ouvintes de podcast no país.

## 2.1 PODCAST E JORNALISMO

Olhando para o território nacional, vale observar mais de perto a relação entre jornalismo e a mídia podcast. Ainda conforme dados da pesquisa Abpod 2020/2021, 7,80% dos que produzem podcasts no Brasil são jornalistas. A acessibilidade aos meios de produção e a expertise existente por conta do trabalho com comunicação são dois fatores que aproximam jornalistas do suporte.



No entanto, de acordo com Magnoni & Rodrigues (2013), essa aproximação dos jornalistas de uma nova tecnologia - e aqui não precisamos nos restringir a mídia podcast - também acaba alterando o modo de trabalho dos veículos à medida que essa nova tecnologia é inserida no cotidiano organizacional e profissional.

Ela também melhora a qualidade do conteúdo e altera o formato e a definição da mensagem emitida, além de ampliar as possibilidades de interação com o público. Ou seja, a mudança tecnológica incide diretamente no resultado econômico, na ação profissional, nos sentidos das linguagens e da estética dos meios. E, sobretudo, repercute na maneira do público receber, interpretar e interagir com as mensagens recebidas (MAGNONI & RODRIGUES, 2013).

A mídia podcast possui em seu cerne essa aproximação com o público e isso tem sido reforçado com a expressiva quantidade de programas que não são apenas transmitidos sonoramente, mas também em plataformas de vídeo, no geral reportando histórias reais pela voz de quem as viveu, o que reforça esse espaço privilegiado, como explica Santos e Peixinho (2019), que o podcast tem ocupado entre os instrumentos e recursos midiáticos.

O podcast estabeleceu-se como o espaço privilegiado para um pleno renascimento da história. Não uma história qualquer, mas uma história de pessoas reais. Este recurso à narrativa centrada na personagem é uma estratégia que favorece a proximidade com o ouvinte e que humaniza a abordagem jornalística – com todos os desafios que isso pode trazer a quem reporta. O podcast estabeleceu-se como um produto de nicho que explorou fragilidades da rádio mainstream e floresceu a partir de uma semente por esta lançada. Com isso, conseguiu entrar onde a rádio cada vez menos lograva fazê-lo: no lugar da escuta atenta (SANTOS E PEIXINHO, 2019).

E quando nos concentramos no público do Brasil, que vive um longo histórico de consumo intenso e assíduo de conteúdos sonoros e audiovisuais, o repertório desses jornalistas diante dessas produções deve ser levado em conta e até, arrisco a dizer, não se afastar demais de suas cearas conhecidas e estudadas. Os nichos abraçados pela mídia podcast são, teoricamente, infinitos, mas o ouvinte e consumidor de conteúdo do outro lado vai em busca de uma qualidade que esteja, ao menos, perto de suas expectativas.

Magnoni, Almeida & Leite (2020), apontam que, apesar da produção de conteúdo sonoro para internet parecer ser uma tarefa simples, “criar narrativas em áudio, uma arte já antiga, continua a exigir muitos conhecimentos culturais e linguísticos”. Além, claro, do mínimo conhecimento das técnicas necessárias

Tantas mudanças no modo de produção e consumo do conteúdo em áudio exigem evolução das metodologias e práticas de ensino adotada pelas faculdades de comunicação. Algo para o qual os professores e equipes de técnicos de laboratórios das escolas de Jornalismo, Rádio e TV, Audiovisual, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas devem estar preparadas para instruir da melhor maneira os quadros profissionais que formam (MAGNONI, ALMEIDA & LEITE, 2020).

Essa união entre o jornalismo e os podcasts trazem de volta, com mais força, a arte de contar uma história de forma mais esmiuçada ao fazer jornalístico, se afastando um pouco da “uma notícia por minuto” e dando espaço para a narrativa mais envolvente do storytelling. Uma narrativa que a radiodifusão foi perdendo pela urgência das notícias diárias. De acordo com Santos (2021), os podcasts chegaram no contraciclo do rádio.

Os podcasts vêm, pois, em contraciclo, quando pensamos na rádio como um meio dominado pela alta rotatividade de conteúdos. Vêm em contraciclo em relação ao próprio espírito do tempo, tão caracterizado pela superficialidade, pela constante interpelação informativa e por algum déficit de atenção. Aparentemente contra a corrente, eles têm cultivado a redescoberta do poder das histórias dentro e fora do jornalismo (SANTOS, 2021).

Mas isso, devo salientar, não nos leva até aquela velha história de que com o tempo uma nova mídia irá tomar o lugar das mídias mais antigas. O rádio segue firme e sobreviveu a outros gigantes.

### **3. PRODUTO**

O “Qual que é a pauta mesmo?!” surge a partir da ideia de aproximar o jornalismo tanto dos que estão iniciando na profissão, quanto do público geral. O formato de podcast é um elemento importante nesta construção por conta de uma maior facilidade de produção e distribuição, através de um formato popular e já estabelecido que é o papo de “mesa de bar”.

Através deste documento vou esmiuçar meu processo de pré-produção, produção e pós-produção, que contou com a participação de duas profissionais contratadas para auxiliar neste percurso: uma editora de áudio e uma designer. O texto inclui as ideias que foram descartadas ao longo do processo e as dúvidas presentes no trajeto.

### 3.1 DO COMEÇO!

A definição do nome é parte fundamental do meu fluxo de criação. O título muitas vezes inclusive nasce com a própria ideia como se fossem um só. Desta vez não foi muito diferente. A ideia do podcast surgiu ao ouvir um episódio sem pauta do Nerdcast - não me recordo o número da edição. Apenas com um fiapo de ideia - um podcast de histórias engraçadas de jornalistas como TCC - fui contar para Nadson, meu irmão, sobre esse pensamento e durante a conversa já me veio o nome: Qual que é a pauta mesmo?!. Lembro de já ter pronunciado a alcunha com convicção, como quem sabe o que diz e ele acreditou, então também acreditei.

A inspiração para o título veio de outros projetos dos quais sou fã, que também possuem nomes inusitados. Bandas como Terno Rei ou Selvagens à Procura de Lei, ou desenhos como Apenas um Show. A podosfera também é um ambiente repleto de títulos curiosos como Chupe Meu Braço ou Um Milkshake Chamado Wanda, que servem como precedente para o “Qual que é a pauta mesmo?!”.

Como apresentado durante os episódios do podcast, o título vem também da acelerada rotina do fazer jornalístico. Atuo hoje como repórter da editoria de Salvador do jornal A Tarde e todo dia recebo uma nova pauta, que preciso apurar, escrever e entregar no mesmo dia. Durante muito tempo, minha primeira reação ao receber essa missão era a tal da indagação: Qual que é a pauta mesmo?!. Com base em conversas com amigos da área - inclusive presentes no podcast - foi me confirmado que o sentimento é compartilhado por outros colegas de profissão.

### 3.2 IDENTIDADE VISUAL

Com nome e uma mini descrição do que seria o podcast, o próximo passo foi a criação de uma identidade visual para o projeto. Desde o começo estava definido que a designer - e minha amiga pessoal - Amanda Braga seria a responsável por essa parte do trabalho. Não sou muito de pensar no aspecto visual ao ponto de não fazer ideia sequer de que cores seriam ideais para o “Qual que é a pauta mesmo?!”. Contudo, desta vez me dediquei e desenvolvi quatro alternativas diferentes que poderiam funcionar como capa do podcast. Segue as alternativas que foram apresentadas e discutidas com Amanda.

- **Proposta nº1:** A imagem de capa do podcast pode ser o perfil de uma cabeça sem rosto, que tem os pensamentos - no espaço fora do crânio como nos quadrinhos - povoados por símbolos que remetem ao jornalismo. E a parte interna que é o espaço da mente poderia ter disposto o questionamento: Qual que é a pauta mesmo?! Nossa análise foi de que a ideia pareceu muito institucional e ficou guardada como última opção para o caso de dar tudo errado.
- **Proposta nº2:** O texto - Qual que é a pauta mesmo?! - pode estar distribuído numa conversa de WhatsApp no grupo da redação. Cada trecho do título numa mensagem distribuída da seguinte forma: Qual/ que é/ a pauta/ mesmo?!. Quase como se fosse um estagiário tentando entender o que fazer e perguntando publicamente. A conversa poderia ter aquele fundo genérico do WhatsApp ou um papel de parede que fizesse sentido com a temática do jornalismo. Outra alternativa que foi para a gaveta.
- **Proposta nº3:** A arte de capa pode se apropriar da estética do jornalismo impresso, que é uma imagem presente no imaginário popular. Como referência para a capa, pensei no jornal do universo de Harry Potter por conta do papel envelhecido, que contrasta com o preto da tinta. O título do podcast estaria disposto como se fosse a manchete da edição.
- **Proposta nº4:** A ideia é que o nome do podcast esteja presente num fundo que lembre um bloco de notas ou um notebook, algo que remeta ao jornalismo, mas com elementos que tornem a proposta menos engessada.

Talvez o uso de figuras do imaginário da profissão ou cores chamativas possa ajudar. Uma das referências para essa ideia foi a capa do podcast This is Brazil. Foi discutida e logo recusada a utilização de emojis nessa proposta.

**Figura 01 - Arte de capa do podcast ThisisBrazil**



**Fonte: This is Brazil**

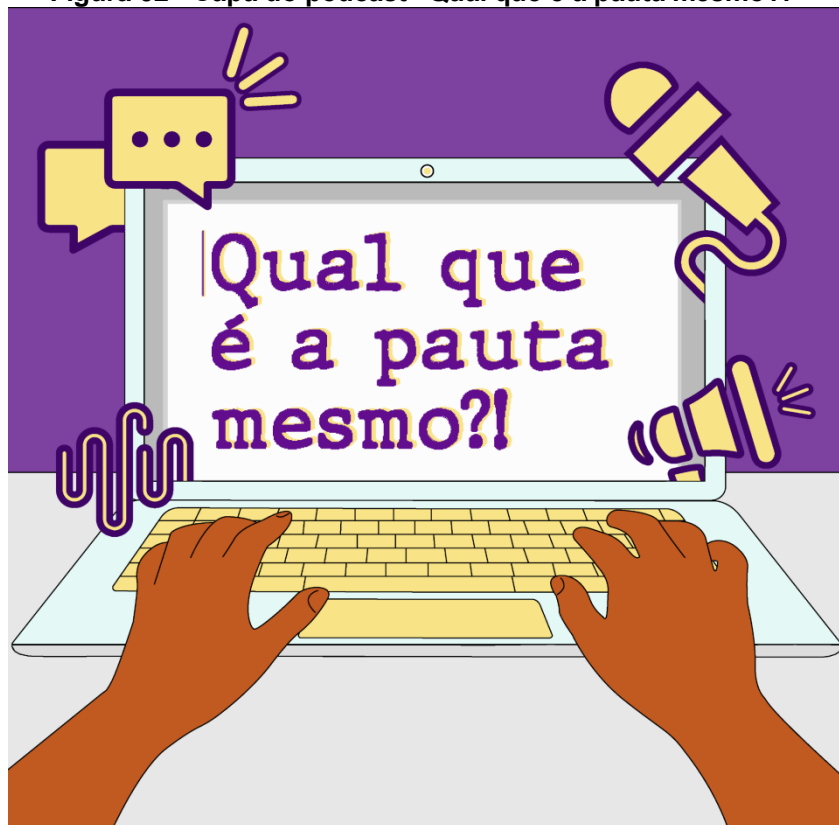
No fim das contas a 4ª proposta foi escolhida como a capa do “Qual que é a pauta mesmo?!” no Spotify. A fonte utilizada na imagem foi a “JMH Typewriter”, que segundo a designer “seu design lembra uma máquina de escrever, o que estabelece uma conexão direta com o universo do jornalismo, foco central do podcast”. Ela também ressalta que: além disso, essa tipografia não só proporciona autenticidade, mas também reforça a ideia de um conteúdo informativo e, ao mesmo tempo, acessível.

As cores amarelo e roxo foram escolhidas com o intuito de transmitir jovialidade e diversão, que são elementos presentes no podcast. “Essas cores foram escolhidas para criar um visual vibrante, mantendo um tom informal que caracteriza tanto o conteúdo quanto a dinâmica do podcast”, afirma a designer.

A utilização dos elementos gráficos como o clássico microfone, balões de fala, ondas sonoras e megafone servem para reforçar a temática jornalística do

podcast. Esses ícones visuais são frequentemente associados à comunicação e à disseminação de informações. Elementos todos pensados para comunicar de forma eficaz a proposta do projeto.

**Figura 02 - Capa do podcast “Qual que é a pauta mesmo?!”**

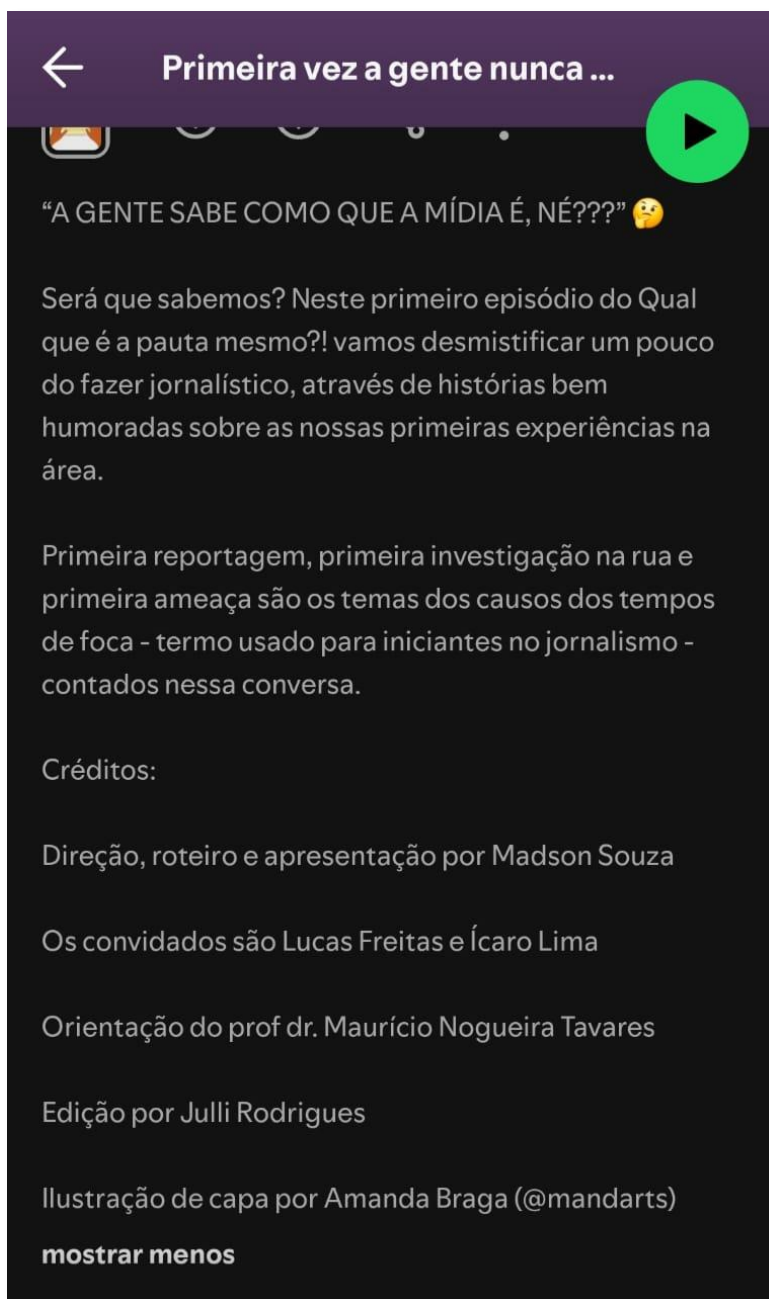


**Fonte: Elaborado pela designer Amanda Braga**

### 3.3 DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS

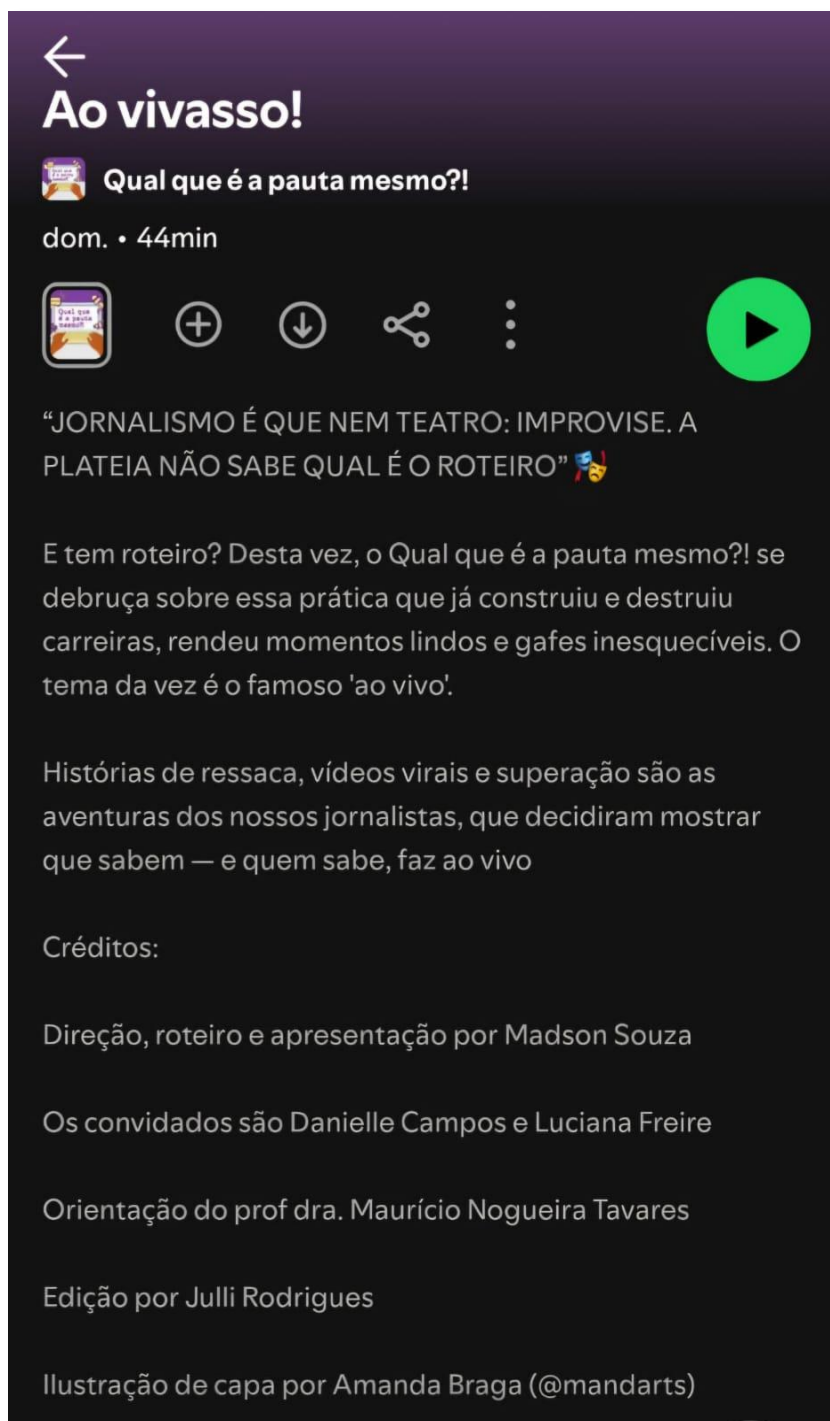
Não é porque nem todo mundo lê, que a gente não vai escrever. Os textos de descrição do Spotify são um espaço importante para que o ouvinte possa decidir se vai ou não dar play naquele produto. Por isso decidi construir textos curtos com uma frase chamativa, além de apresentar a temática do episódio, os convidados e que o projeto tem como finalidade servir de trabalho de conclusão de curso para minha graduação.

**Figura 03 - Texto da descrição do episódio “Primeira vez a gente nunca esquece” do podcast Qual que é a pauta mesmo?!**



Fonte: Print de tela do Spotify

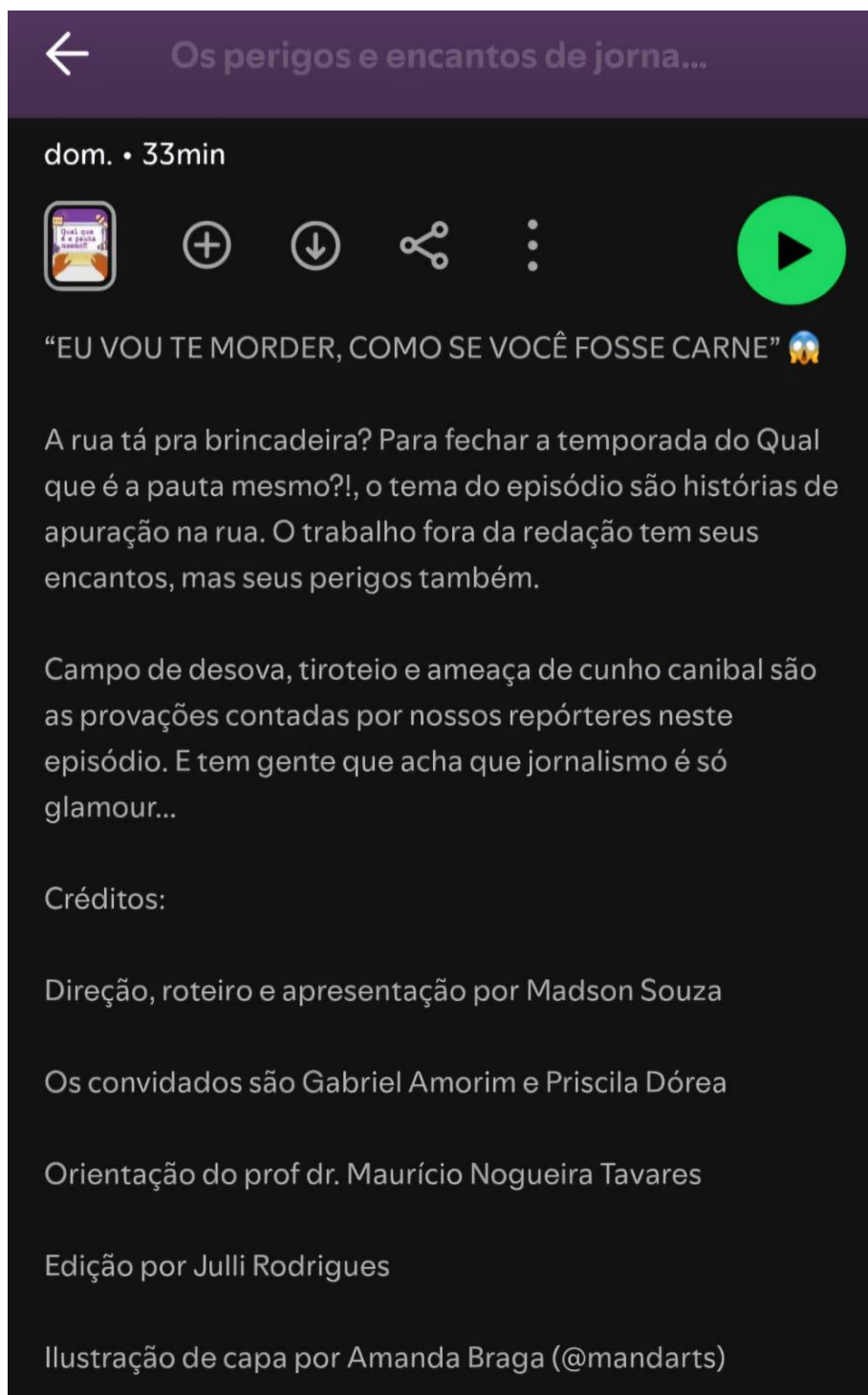
Figura 04 - Texto da descrição do episódio “Ao vivasso!” do podcast Qual que é a pauta mesmo?!



Fonte: Print de tela do Spotify

Figura 05 - Texto da descrição do episódio “Os perigos e encantos de jornalistar na rua” do podcast Qual que é a pauta mesmo?!





Fonte: Print de tela do Spotify

### 3.4 PRODUÇÃO

A produção do “Qual que é a pauta mesmo?!” em muitos sentidos foi simples. Atuei desde o início na concepção do Área 101, programa de cultura pop da Rádio Metrópole, que foi veiculado ao vivo na rádio e no YouTube; no Paladinos, podcast de cultura pop disponibilizado em agregadores de podcast;

e no Sudesbcast, podcast de esportes publicado no Youtube para a Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (SUDESB), autarquia vinculada à Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (Setre). Essas experiências serviram para delimitar o que queria e o que não queria nesta nova empreitada.

Não gosto de roteiros bem delimitados, pelo menos não para uma conversa que deveria fluir como uma resenha, então descartei a ideia de escrever um longo roteiro. Gosto de pensar em quadros “malucos” para meus projetos, ideias inusitadas, mas dessa vez senti que deveria me ater ao fundamental, que são as histórias. Até pensando em não gerar gravações muito longas, que dificultariam o processo de edição.

Entre quadros descartados está o “Glossário do Jornalismo”, momento em que seriam explicados termos específicos do campo. A ideia era que, ao citar um jargão da área, entraria um efeito sonoro identificando o quadro e quem citou o termo deveria explicá-lo de forma simples e sucinta. Outra ideia descartada foi de que todas as histórias deveriam ser iniciadas com título e linha fina, como se fossem uma matéria jornalística de verdade. Ambas as ideias foram retiradas ainda no esboço do projeto com o intuito de manter a conversa o mais natural possível.

O que sobrou após os cortes foi a ideia de um roteiro simples: apresentação do podcast, dos convidados, conversa introdutória sobre o assunto tratado, história 1, história 2, minha história e despedida. Já a escolha dos temas “primeiras vezes no jornalismo”, “histórias de ao vivo” e “apuração na rua” foram em decorrência de tópicos em que eu tinha boas histórias pra contar. Além disso, imaginei que não seria difícil arrumar outros amigos com casos divertidos para apresentar sobre esses assuntos, que ainda possuem potencial de gerar uma conversa interessante sobre jornalismo.

Então decidi gravar um piloto para saber se a ideia funcionava na prática. Afinal as histórias poderiam ser mais divertidas na minha cabeça e o formato pouco atrativo. Convidei para a primeira experiência Lucas Freitas, que é jornalista laureado pela Universidade Federal Universidade Federal da Paraíba e meu parceiro de bancada no podcast Paladinos; e Ícaro Lima, repórter do iBahia. Sabia que os dois já se conheciam e tinham uma boa química, além de perfil falador, que era uma proteção contra um possível silêncio constrangedor.

Acompanhei um pouco das primeiras matérias jornalísticas dos dois na faculdade, então imaginei que eles teriam boas histórias para contar sobre esse período. Um detalhe importante sobre os episódios é que assumi a postura de não ouvir previamente as histórias dos convidados. Expliquei a proposta para cada um dos que participaram de que deveriam trazer um caso e que conversaríamos um pouco sobre cada uma das narrativas apresentadas, que deveriam ser histórias legais, engraçadas ou educativas, relacionadas com o jornalismo e dentro do tema proposto.

No segundo episódio, a escolha por Danielle Campos e Luciana Freire para o episódio de histórias de ao vivo foi fácil. Trabalhei com ambas durante minha passagem na Rádio Metrópole e aprendi muito com as duas, que já viviam experiências ao vivo há mais tempo. Luciana e eu dividimos o comando no programa Área 101, então já existiam histórias compartilhadas, enquanto Danielle trazia o bônus de ser uma boa contadora de histórias.

Por último, Priscila Dórea e Gabriel Amorim foram os escolhidos para co-apresentar comigo o episódio de histórias de apuração na rua, o terceiro e último episódio da temporada. Os dois são reconhecidos pela simpatia e facilidade de fazer amigos - conheço poucos repórteres que curtem tanto a rua quanto essa dupla. Porém, o desafio da vez foi que Gabriel e Priscila não se conheciam previamente, então houve um certo receio se haveria química para a gravação. Bastou cinco minutos de conversa no off e os dois já se trataram como colegas de longa data, o que facilitou bastante a gravação deste último episódio da série.

### 3.5 E FOI GRAVADO COMO?

A gravação aconteceu de forma remota na plataforma Discord, que é muito usada por gamers e permite que você crie salas de chat ou texto e as personalize através de *bots*. Três dos seis convidados do podcast não tinham conta na plataforma e precisaram criar para a gravação.

Já com uma sala constituída no sistema e os convidados presentes, chamei o bot Craig Recorder, que é um sistema que grava faixas de áudio separadamente de todos os presentes na chamada, o que é um ponto positivo para a edição. Em momentos de maior balbúrdia, em que todos os convidados falam ao mesmo tempo, é possível aproveitar das faixas separadas para manter

o trecho mais compreensível. Basta recortar as falas e separá-las por microssegundos.

Foi considerada a possibilidade de gravação dos episódios no estúdio da Facom, porém por conflitos de agenda essa ideia foi descartada. As gravações remotas aconteceram no período da noite - todas por volta de 21h - para aproveitar o silêncio doméstico e dos arredores. Foi requisitado aos convidados apenas que arrumassem um fone de ouvido com microfone para a gravação. O único convidado com microfone profissional foi Lucas Freitas, enquanto usei um microfone semiprofissional.

Por conta do ambiente de gravação, da instabilidade da internet e da qualidade do dispositivo de gravação, alguns convidados ficaram com áudio com baixa qualidade, o que foi um dos desafios da edição do podcast. Porém foram questões mais pontuais, nada que altere o roteiro do podcast ou prejudique a escuta. O ponto chave desse sistema de gravação é que durante possíveis instabilidades da internet o bot pode parar de gravar, o que gerou a perda de alguns trechos de conversa do episódio de histórias de apuração na rua.

### 3.6 EPISÓDIOS

O “Qual que é a pauta mesmo?!” possui três episódios: “Primeira vez a gente nunca esquece”, “Ao vivasso!” e “Os perigos e encantos de jornalstar na rua”. A mídia podcast permite que o ouvinte possa começar a partir de qualquer episódio, então tomei dois cuidados para que o projeto seja facilmente compreensível: textos descritivos na bio do podcast e na descrição dos episódios, além de uma fala introdutória curta que se repete mais ou menos da mesma forma no início de cada edição.

Podcasts costumam seguir uma rotina, um roteiro, porque parte da ideia é que o ouvinte se acostume com aquilo e que ouvir aquele projeto faça parte de sua rotina. Por isso, os episódios do “Qual que é a pauta mesmo?!” começam e terminam da mesma forma. Todo início de episódio segue o roteiro: apresentação do podcast -> vinheta -> apresentação do tema e dos convidados. Todo final é marcado por um convite para que os convidados divulguem seu trabalho, uma despedida e a repetição da vinheta de abertura.

Para dar início ao “Qual que é a pauta mesmo?!” decidi apostar na temática primeiras experiências no jornalismo com o intuito de que fosse um papo bem introdutório sobre a profissão. Gravamos um bruto de quase uma hora, cheio de histórias e comentários sobre nossos primeiros contatos com a profissão.

Uma característica interessante desse primeiro episódio é a dúvida e o receio, que são as marcas compartilhadas nas três histórias. São as sensações comuns de quem está experimentando algo novo pela primeira vez, especialmente com relação a experiências profissionais.

De olho em alcançar um ritmo que seja mais agradável ao ouvinte cortei muito do que era mais superficial à narrativa e mantive apenas o fundamental. O que é sempre um desafio, porque existe um apego. É um trabalho da graduação, mas no fim das contas também é uma conversa leve e divertida sobre jornalismo com alguns amigos. Então ter esse olhar crítico do que é realmente divertido e o que é relevante para o público foi um processo complexo e que envolveu fazer cortes difíceis.

Já o segundo episódio abordou as histórias de ao vivo, que para muitos são um dos grandes temores do jornalismo e uma fonte reconhecida de grandes causos. Imaginei que as histórias apresentadas seriam de gafes nesse episódio, porque é o que se pensa ao falar de histórias de ao vivo. A partir daí surge o desafio de como tornar isso uma conversa interessante e relevante sobre jornalismo.

Esse episódio tem uma espécie de desvio de rota no preâmbulo ao tratar sobre a profissão “pauteiro”, mas isso é justamente o tipo de coisa que deve ser discutida num espaço como esse. Foi gravada mais de uma hora de conversa e esse foi o episódio mais difícil de realizar cortes, por isso ele terminou acima dos 30 minutos.

Porém, é uma conversa cheia de dicas e conselhos para quem ainda vai ter essa ter experiências ao vivo. Além de também ser uma tentativa de conscientização para o público de que o jornalista é um profissional, que atua para além de sua própria vontade e que é criticado injustamente para além de sua profissão.

Por último o episódio sobre histórias de apuração na rua, que por conta da falha no sistema de gravação é o episódio com menor tempo dedicado à

discussão sobre o jornalismo e mais voltado às histórias, que foram as melhores dessa temporada.

### 3.7 EDIÇÃO

A edição deste podcast foi feita pela editora Julli Rodrigues, que cortou, sonorizou e construiu a vinheta do podcast. O primeiro passo desse processo coletivo foi definir o que seria cortado do bruto e o que iria para a versão final. Para alinhar essa relação produzi um roteiro rústico com indicações do que deveria ser cortado, marcações sobre o começo e o fim de cada bloco, entrada das vírgulas sonoras, além de efeitos para fins cômicos ou de surpresa.

Mesmo com as indicações de roteiro o trabalho foi colaborativo e com liberdade para que Julli criasse para além do que estava determinado, o que rendeu os trechos sonorizados com efeitos para complementar a última história do terceiro episódio do podcast.

Entre as indicações transmitidas talvez o principal seja com relação a construção da vinheta. O que vinha em minha cabeça era a ideia de uma vinheta como a do podcast *This is Brazil*, que é uma contraposição de versos da música “País do Futebol”, do Mc Guimê e Emicida, com frases engraçadas do imaginário popular brasileiro. Minha ideia era compor uma vinheta com frases engraçadas do jornalismo, mas que unidas contassem uma espécie de historinha. Através dessa indicação Julli chegou ao resultado presente no podcast e contou sobre seu processo.

“A vinheta foi criada em cima de uma ‘trilha branca’, nome dado às trilhas genéricas compostas por estúdios para programas jornalísticos. Sobre a trilha, foi aplicado um som de sintetizador e efeitos sonoros do tipo ‘glitch’ com o intuito de criar a sensação de que o áudio está dando erro. Também foram usados trechos de falas de momentos emblemáticos em que jornalistas erraram ou passaram por perrengues na TV, sendo muitos deles memes na internet. A ideia da vinheta é traduzir o espírito do podcast: a vida de jornalista parece perfeita e glamurosa pra quem vê de fora, mas logo a realidade se mostra com suas imperfeições”, conta a editora.

Para as vírgulas sonoras a sugestão foi de sons curtos e que ajudassem a constituir uma aura que é um pouco séria ao tratar sobre jornalismo e devido

aos fins acadêmicos do trabalho, mas que também precisa passar um ar aconchegante e descontraído.

Outra decisão tomada ao longo do processo foi sobre quão presente a edição seria no resultado. Permeava minha cabeça a ideia de que as histórias poderiam ser sonorizadas através de recursos que ajudassem o ouvinte a construir o ambiente narrativo adequado a cada história. Porém, por uma decisão estética e limitação de prazo preferi manter um tom mais sutil e discreto nos episódios. Até por conta do jornalismo que também é mais afeito a sobriedade.

Um desafio apresentado ao longo do processo é com relação a duração dos episódios. Com bruto de gravação de quase uma hora ou pouco mais de uma hora, a meta era atingir o tamanho de trinta e poucos minutos, abaixo do tamanho médio dos episódios aqui no país, que de acordo com a pesquisa Abpod 2020/2021 é de 45 minutos. A maior parte dos episódios de podcast no Brasil tem entre 10 e 30 minutos, ainda segundo a pesquisa. A casa dos 30 minutos foi escolhida como uma alternativa para que a conversa se desenvolvesse naturalmente, mas que não de forma prolixa e maçante para os ouvintes.

### 3.8 DISTRIBUIÇÃO

O podcast “Qual que é a pauta mesmo?!” foi veiculado através da plataforma Spotify, através do sistema Spotify for podcasters.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto do que sempre soube, mas também do que descobri na faculdade. Durante muito tempo temi o TCC ou por receio de ter que lidar com a escrita acadêmica ou pelo desafio de precisar fazer isso sozinho. Somado a isso uma insegurança com relação ao futuro, agora, que pela primeira vez na vida não estarei relacionado com uma instituição de ensino. O podcast Qual que é a pauta mesmo?! foi a forma que encontrei de lidar com tudo isso.

Se o interesse por narrativas existe desde sempre em minha vida, foi o jornalismo e a faculdade que me convenceram sobre a magia do ordinário, do mundano. Se a vontade de contar histórias pulsava desde as composições na infância por meio do gravador de voz, foram as práticas nas oficinas de rádio da Facom que tornaram isso uma possibilidade através de minha voz e da capacidade de editar.

As novas habilidades adquiridas me levaram a criar o Paladinos, meu podcast de cultura pop, que me trouxe confiança e expertise para desenvolver os podcasts Área 101, na Metropole, e Sudesbcast, na Sudesb, e, agora, o Qual que é a pauta mesmo?!. Um podcast de histórias de jornalismo contadas por gente que ama essa profissão. Entre debates e conselhos sobre a prática, este projeto também foi uma forma de olhar para trás com carinho e entusiasmo sobre o que foi vivido até agora. As primeiras reportagens, o aprendizado ao vivo e as experiências na rua. Um projeto informativo, mas tocado do jeito que acredito, com bom humor e personalidade.

O “Qual que é a pauta mesmo?!” possui limitações presentes tanto no podcast, quanto neste relatório. A rotina corrida entre dois empregos e as exigências da vida pessoal influenciaram profundamente nas escolhas estéticas e administrativas deste projeto. Penso em - no futuro - realizar outras temporadas do podcast com a participação de profissionais que são referência da área e tratar sobre outros tantos temas como histórias de jornalismo no Carnaval, no esporte ou com figuras famosas. Muitas ideias por vir.

Espero que este trabalho contribua no desafio de aproximar o jornalismo da população através da via do entretenimento, de desmistificar um pouco a profissão. Também conto que esse podcast seja capaz de fomentar, inspirar e preparar profissionais ainda mais jovens que eu para esta aventura que é o



jornalismo. Além disso, nutro expectativa de que o “Qual que é a pauta mesmo?!” contribua com a produção de podcasts sobre os bastidores do fazer jornalístico.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

FOSCHINI, Ana Carmen; TADDEI, Roberto Romano. **Coleção conquiste a rede: podcast**. São Paulo, 2006.

MAGNONI, A. F.; DE ALMEIDA, W. D.; LEITE, W. **Rádiodifusão, web rádio e podcast: o ensino do jornalismo em áudio**. *Conhecimento & Diversidade*, v. 12, n. 27, p. 144-157, 2020.

MAGNONI, A. F. RODRIGUES, K. O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e consumo. In: ENCONTRO NACIONAL DA HISTÓRIA DA MÍDIA, 9, 2013, Ouro Preto. **Anais eletrônicos...** Ouro Preto: UFOP, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiada-midia-sonora/o-radio-e-a-adaptacao-a-nova-era-das-tecnologias-da-comunicacao-e-informacao-contextos-producao-e-consumo>>. Acesso em: 15.Jun.2024

SANTOS, Sílvia. **Os podcasts: um lugar novo para o regresso das histórias ao jornalismo**. DE QUE FALAMOS QUANDO DIZEMOS JORNALISMO?, p. 195, 2021.

VANASSI, Gustavo Cardoso. **Podcasting como processo midiático interativo**. Monografia. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007.

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio; FERREIRA, Helena Maria. **O podcast como gênero discursivo: oralidade e multissemiose aquém e além da sala de aula**. *Letras*, n. 1, p. 35-55, 2020.

**APÊNDICES**

Roteiro de edição - Episódio 1: Primeira vez a gente nunca esquece

<b>Vinheta</b>	
<b>BG. Cortar tudo até 03:50 e substituir pelo novo texto</b>	<b>Apresentação do podcast</b>
<b>Vírgula sonora minuto 06:11</b>	<b>Termina no “é um pouco desesperador” e começa no “coisas que não faço ideia que existiam”</b>
<b>Efeito cômico de gongo ou coisa semelhante 09:59</b>	<b>Fala sobre primeiro clichê desse podcast</b>
<b>Cortar de 12:56 até 14:47. Na minutagem 12:56 pode subir a vírgula para dar fim ao bloco</b>	<b>Termina no Superman e volta no “vamos para nossas histórias”</b>
<b>Cortar de 22:22 até 25:17 Após o corte subir vírgula.</b>	<b>Termina no “momento muito mágico” e começa no “primeiras matérias”</b>
<b>Vírgula sonora em 31:05. Corta de 31:05 até 31:11</b>	<b>Termina na piada do “Disse ele”.</b>
<b>Corta de 31:15 até 31:34</b>	
<b>Cortar de 37:31 até 39:13. Vírgula para marcar fim do bloco</b>	<b>Termina em “validação” e começa no “mesma toada”</b>
<b>Sobe música no 50:20 pra fechar bloco.</b>	
<b>Cortar de 52:13 até o fim. Encerrar com nova fala.</b>	

## Roteiro de edição - Episódio 2: Ao vivo!

<b>Vinheta</b>	
<b>BG. Cortar tudo até 03:14. Substituir por nova abertura</b>	<b>Apresentação do podcast</b>
<b>Cortar de 04:07 até 04:27. Substituir por nova apresentação de Luciana</b>	<b>Começa no “E a nossa outra convidada” e vai até “Qual que é a pauta mesmo?!”</b>
<b>Vírgula sonora em 15:31. Veja se consegue salvar a fala de Danielle que vem depois da piadoca</b>	<b>Termina em “repensar muita coisa” e vai começar o programa de verdade. As histórias. Acho que vale uma música legal que indique uma espécie de passagem de quadro. Como se o programa fosse dividido entre abertura -&gt; papinho -&gt; histórias -&gt; encerramento</b>
<b>Vírgula sonora em 19:37</b>	<b>Terminar no “Caraca velho”.</b>
<b>Pode cortar de 19:34 até 19:47</b>	<b>Cortar de “mudou muita coisa” até “muito pouco tempo”.</b>
<b>Cortar de 24:24 até 25:05</b>	<b>Cortar de “mas esse é o processo, né?” até “vamos seguir”</b>
<b>Cortar de 29:03 até 29:35</b>	<b>Cortar de “você falou do vídeo” até “fazemos jornalismo e temos que viver”</b>
<b>Cortar de 29:44 até 32:04</b>	<b>Cortar de “não vou me comprometer” até “excelente história”.</b>

## Roteiro de edição - Episódio 3: Os perigos e encantos de jornalstar na rua

<b>Vinheta</b>	
<b>Apresentação do podcast</b>	<b>Começa a partir de 02:27</b>
<b>Substituir fala de 02:34 até 02:37 por trecho Inserção 01 - já está na pasta</b>	<b>Trocar “Um podcast de histórias de jornalistas” por “Um podcast de histórias de jornalismo</b>
<b>Cortar de 02:50 até 02:52</b>	<b>Fala errada”histórias e bleh”</b>
<b>Cortar de 04:51 até 04:53</b>	<b>Fala errada “que trabalhou aí no”</b>
<b>Subir vírgula em 09:10</b>	<b>Terminar em “você só vai perguntar e seguir sua vida”</b>

O áudio ficou dividido em duas partes, portanto foi necessário construir dois roteiros de edição.

<b>Cortar tudo até 05:02</b>	<b>O programa começa em “E agora...”</b>
<b>Cortar de 12:09 até 12:13</b>	<b>Gab falando “o jornalismo ri da nossa cara”. A primeira vez que ele fala não dá pra entender e é pra cortar. Mas mantém quando ele repete a frase logo em seguida</b>
<b>Fechar o bloco em 13:24 então sobre a vírgula</b>	<b>Termina o bloco na fala “aconteceu uma coisa bombástica que roubou todo seu espaço”</b>
<b>Cortar de 13:26 até 15:24</b>	<b>Cortar de “Fico muito impressionado” até “vou puxar sua história - Tá bom”</b>
<b>Subir a vírgula em 23:44</b>	<b>A vírgula sobe depois da fala de Priscila “Essa parte dava pra você passar, né”</b>
<b>Suvar a vírgula em 25:29</b>	<b>Subir vírgula após fala “será que não”</b>
<b>Cortar de 25:31 até 29:13</b>	<b>Cortar de “Acontecem coisas legais” até “o jornalismo pode ser feliz”</b>
	<b>O novo bloco começa na frase de Gabriel “Mas eu queria dizer” de Gab</b>

<b>Cortar de 29:42 até 29:59</b>	<b>O trecho do silêncio e “deixa eu dar um f5 aqui”.</b>
<b>Subir vírgula em 35:16</b>	<b>Após o “fecha aspas”</b>
<b>Subir vírgula em 36:10</b>	<b>Após o “e passar vergonha”</b>
<b>Cortar de 36:11 até 37:12</b>	<b>De “pessoas que vão na praia antes de fazer o ENEM” até “mesmo na praia”</b>
<b>Subir vírgula em 37:48</b>	<b>Após o “E sobrevivi”</b>
<b>Cortar de 39:59 até o fim</b>	<b>Cortar comemoração do fim do programa. Ruídos e “Vai Corinthians”</b>